NIKOS FUNDO DE INVESTIMENTO EM COTAS DE FUNDOS INCENTIVADOS DE INVESTIMENTO EM INFRAESTRUTURA RENDA FIXA

OGIN11

Relatório Mensal

Outubro de 2026

O Nikos Infra é um fundo de renda fixa que investe seus recursos, preponderantemente, em debêntures incentivadas do setor de infraestrutura, conforme definido na Lei 12.431. O fundo está disponível para o público em geral e tem como objetivo de gestão buscar retorno que supere o rendimento dos títulos públicos de prazo médio equivalente, sem que isso constitua garantia ou promessa de rentabilidade.

Gestão Nikos	Isenção	Renda	Proteção	Liquidez
Histórico comprovado desde 2011 e mais de R$ 1 bilhão sob gestão ("AUM")	Rendimentos e ganho de capital isentos de imposto de renda para pessoas físicas	Perspectiva de distribuição de rendimentos mensais	Produto com proteção contra grandes oscilações nas curvas de juros reais	Ativo negociado na B3

Gestão:	**Nikos Gestão de Recursos**
Administração:	Banco Daycoval S.A.
Início das atividades:	Outubro de 2022
Tipo e Prazo do Fundo:	Condomínio fechado, com prazo de duração indeterminado.
Público alvo:	Investidores em geral
Código de negociação:	OGIN11
Quantidade de emissões:	1
Número de cotas:	4.667.034

Destaques: fim do mês

R$ 0,08
Dividendo Mensal

14,43 %
Dividend Yield
mensal, anualizado

R$ 9,63
Valor Patrimonial
após dividendos

R$ 7,08
Preço de mercado
P/VP: 73,5%

R$ 0,05
Reserva de Lucro[1]

R$ 0,06
Δ Reserva de Lucro
após dividendos, fim do mês

0,50%
Spread de Crédito[2]
a.a. sobre o CDI

4,44
Duration
Anual, 252 d.u.

1. Diferença entre o valor patrimonial e o valor de emissão das cotas.
2. Spread de crédito médio ponderado da carteira.

Outubro foi um mês de forte oscilação no mercado secundário de debêntures incentivadas, com dois movimentos distintos: na primeira metade do período, a pressão vendedora observada em setembro persistiu e os spreads de crédito seguiram abrindo, de forma que a cota patrimonial atingiu o patamar de cerca de R$9,48 centavos. A partir da segunda quinzena, o mercado virou: com a entrada de forte pressão compradora, os prêmios passaram por um fechamento rápido, inicialmente concentrado nos ativos de maior qualidade de crédito e depois estendido aos demais, que devolveu a abertura acumulada e levou os spreads das incentivadas a patamar inferior ao do fechamento de setembro, o que gerou ganho relevante de marcação a mercado para a carteira. Ressaltamos que, assim como em setembro, ambos os movimentos, de abertura e de fechamento, foram de natureza técnica, ligados ao equilíbrio entre oferta e demanda no secundário, e não a mudanças no risco de crédito.

Nesse cenário, a carteira gerou resultado positivo de aproximadamente R$ 0,14 por cota no mês, o que permitiu à Gestão retomar a distribuição de rendimentos, com R$ 0,08 por cota, em linha com o carrego estrutural da carteira, e destinar o excedente à recomposição da reserva de lucros, seguindo o critério dos meses anteriores de distribuir o que é recorrente e preservar os ganhos de natureza cíclica. Com isso, a reserva voltou ao campo positivo, encerrando outubro em R$ 0,05 por cota, já após os dividendos, conforme gráfico abaixo.



Fonte: CVM ; Elaboração: Nikos Gestão

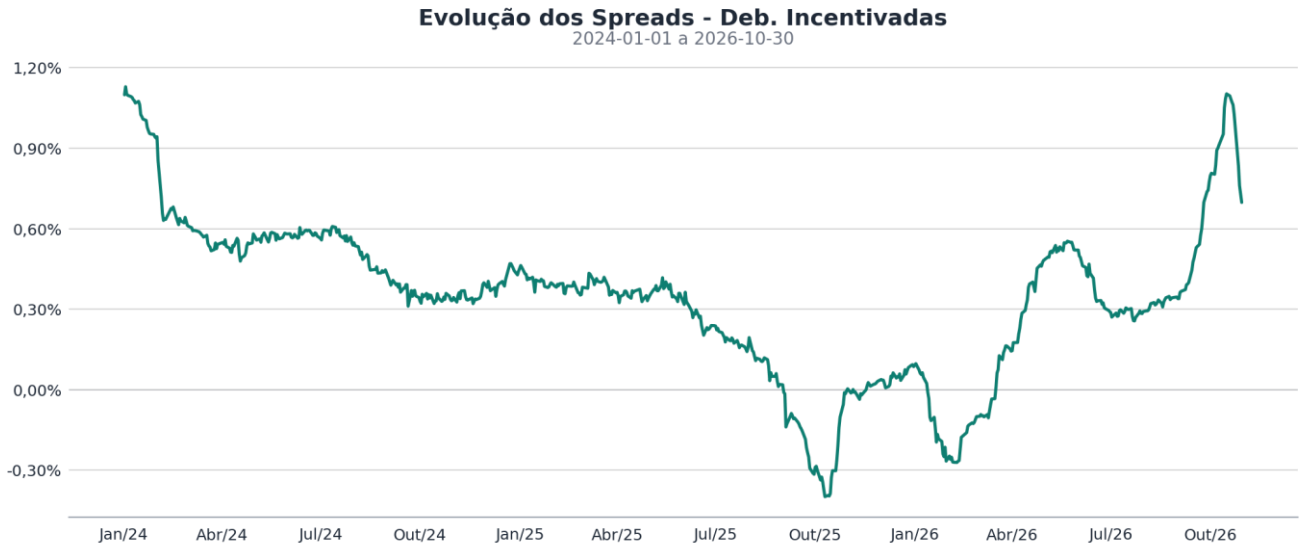
Série	Atual	1M	3M	6M	12M	Δ1M	Δ3M	Δ6M	Δ12M
● **Reserva de Lucro**	**0,046**	-0,010	0,197	0,001	0,384	+0,056	-0,151	+0,046	-0,338

Até a primeira quinzena de outubro, seguimos observando forte abertura dos prêmios de crédito das debêntures incentivadas, em uma expansão do movimento iniciado em setembro, que levou os spreads a cerca de 1,10%, patamar equivalente ao do início de 2024. Com os fundos abertos precisando vender papéis para gerar caixa e honrar resgates já solicitados, e com pouquíssima pressão compradora do outro lado, o desequilíbrio entre oferta e demanda nas debêntures incentivadas no mercado secundário fazia com que os prêmios exigidos para a saída das posições subissem de forma sucessiva, o que ampliava a abertura dos spreads. Esse excesso, porém, abriu uma janela de oportunidade relevante para a indústria em geral: na grande maioria dos emissores a debênture isenta chegou a pagar prêmio superior ao da tributável do mesmo emissor, inclusive em nomes de maior qualidade de crédito, uma distorção que, somada ao nível histórico das taxas, passou a atrair compradores de perfis distintos.

Entre esses compradores, o varejo foi um dos principais impulsionadores: pessoas físicas, que contam com a isenção de imposto de renda, passaram a adquirir debêntures de emissores *high grade* a taxas historicamente elevadas, em movimento reforçado pelas campanhas das plataformas de distribuição. Somaram-se fundos de crédito, inclusive não isentos, e tesourarias, que enxergaram prêmios nas isentas acima das tributáveis dos mesmos emissores, o que tornou a incentivada atrativa mesmo sem considerar o benefício fiscal. Com o crescimento do fluxo comprador, o spread passou a recuar de forma consistente e acelerou na última semana, encerrando outubro em 0,70%, uma compressão de aproximadamente 0,40% em cerca de duas semanas.

Apesar da demanda, os fluxos da indústria ainda não acompanharam o fechamento: a captação líquida dos fundos abertos de infraestrutura seguiu negativa e se intensificou ao longo do mês. Dada a defasagem natural dos prazos de cotização desses fundos, boa parte do efeito do desempenho negativo de setembro, somado ao da primeira quinzena de outubro, ainda não se materializou em resgates, o que mantém a captação líquida da indústria como um dos principais pontos de acompanhamento.

Nesse ambiente, a gestão ativa da *duration* foi essencial para o resultado. Desde setembro, realizamos um trabalho ativo de redução da *duration* da carteira, que se estendeu até o início de outubro e a manteve em nível mais conservador, o que reduziu a sensibilidade do fundo à abertura dos spreads, movimento que pressionou a indústria de infraestrutura como um todo. Ao identificarmos a virada do mercado, realizamos um movimento de alongamento da *duration*, com foco em ativos de alta qualidade de crédito, o que nos permitiu capturar boa parte do fechamento. A liquidez e a concentração da carteira em ativos *high grade* reforçam seu perfil defensivo e nos dão flexibilidade para alongar ou reduzir a *duration* de acordo com diferentes cenários de mercado. Nesse contexto, seguimos acompanhando de perto os fluxos e o mercado secundário para calibrar o posicionamento.



Fonte: Anbima ; Elaboração: Nikos Gestão

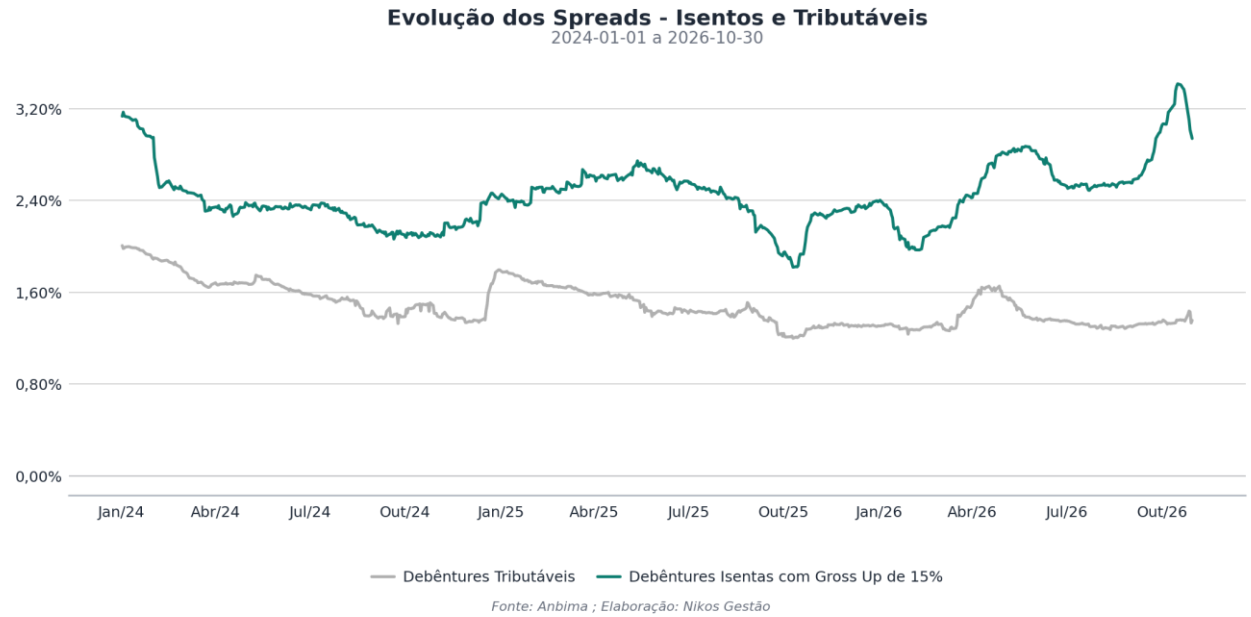
Série	Atual	1M	3M	6M	12M	Δ1M	Δ3M	Δ6M	Δ12M
Spread Deb. Incentivadas	**0,70%**	0,77%	0,28%	0,48%	-0,00%	**-0,08%**	**+0,41%**	**+0,22%**	**+0,70%**

Em outubro, as debêntures tributáveis permaneceram praticamente estáveis, enquanto o movimento do mês se concentrou nas incentivadas. Isso indica que a oscilação esteve ligada ao fluxo e à liquidez da indústria de infraestrutura, e não a uma reprecificação generalizada do crédito privado.

Com o fechamento dos spreads das incentivadas, o diferencial entre as duas curvas recuou de forma moderada e segue amplo, em patamar historicamente atrativo. Esse é o ponto que sustentou a demanda dos compradores descritos anteriormente, que passaram a enxergar valor no prêmio oferecido pelos ativos isentos.

Na ótica do gross-up de 15%, que nivela os rendimentos sob a mesma base de impostos, a classe incentivada oferece um prêmio bem superior ao da tributável, capturado integralmente pela pessoa física.

Com a qualidade de crédito dos emissores preservada, essa diferença sustenta uma relação risco-retorno mais favorável na dívida de infraestrutura do que na convencional, e é o que a Gestão busca explorar nas negociações do secundário.



Fonte: Anbima ; Elaboração: Nikos Gestão

Série	Atual	1M	3M	6M	12M	Δ1M	Δ3M	Δ6M	Δ12M
Debêntures Tributáveis	**1,36%**	1,34%	1,29%	1,57%	1,31%	+0,02%	+0,07%	-0,21%	+0,05%
Debêntures Isentas com Gross Up de 15%	**2,94%**	3,03%	2,52%	2,82%	2,28%	-0,09%	+0,42%	+0,12%	+0,66%

No mercado secundário, o OGIN11 segue negociado com desconto relevante frente ao valor patrimonial. Outubro encerrou com a cota a **R$ 7,08**, contra **R$ 9,63** de patrimônio por cota após a distribuição de dividendos, um P/VP de **73,5%**. O deságio não encontra respaldo nos fundamentos da carteira: o fundo mantém alta liquidez, emissores de qualidade reconhecida e diversificação entre setores e papéis.

Essa defasagem abre dois vetores de retorno: a eventual convergência do preço para o valor patrimonial e a elevação da taxa implícita, já que a aquisição com desconto aumenta o retorno sobre o capital investido. Nas premissas projetadas, a entrada a **R$ 7,08** implica retorno bruto de **19,9%** ao ano, equivalente a **CDI + 5,5%** ou **IPCA + 13,8%**, com isenção de Imposto de Renda para pessoa física. A tabela detalha como esses retornos se comportam em diferentes níveis de cota.

Vale notar que a abertura dos prêmios observada no mês elevou também as taxas implícitas da simulação, de modo que o investidor que entra hoje captura tanto o deságio sobre o patrimônio quanto o carrego mais alto da carteira. Esses níveis seguem representando prêmio elevado frente às alternativas tradicionais de crédito privado. Trata-se de simulação construída sobre as premissas e as condições de mercado da data-base, e a rentabilidade efetiva pode ser diferente.

Simulação de rentabilidade ao investidor

Data base: 30/10/2026

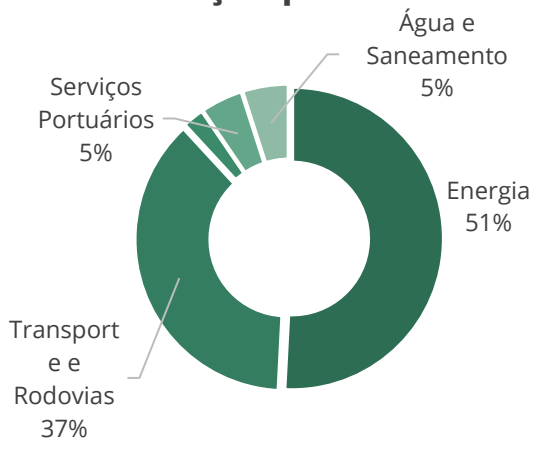
Cota Mercado (R$)	Taxa Média Bruta (CDI+)	Taxa Média Bruta (IPCA+)	Retorno Bruto %
7,08	**5,5%**	**13,8%**	**19,9%**
7,30	4,9%	13,2%	19,2%
7,60	4,2%	12,4%	18,4%
7,90	3,5%	11,7%	17,6%
8,20	2,9%	11,0%	16,9%
8,50	2,3%	10,4%	16,3%
8,90	1,7%	9,7%	15,5%
9,30	1,0%	9,0%	14,8%
9,58	0,6%	8,6%	14,4%

Os valores apresentados nesta simulação possuem caráter exclusivamente ilustrativo e foram elaborados com base em premissas e condições de mercado observadas na data-base indicada. As informações não constituem promessa, garantia ou expectativa de rentabilidade futura. A rentabilidade efetiva poderá ser diferente da apresentada.

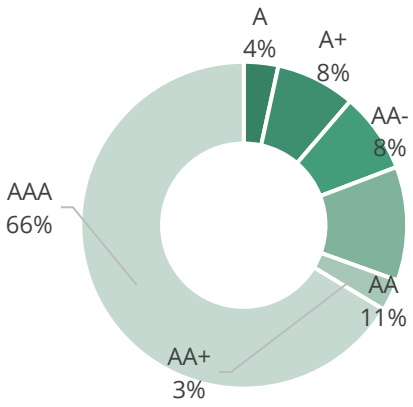
Ticker	Emissor	Spread de Crédito[1]	Δ Spread (p.p.)	Duration (anos)	% carteira atual (2)	Δ % carteira
VSJH11	Ventos de São Jorge	2,66%	1,68	0,9	3,68%	0,02%
MGPRA0	Metrô Rio	1,39%	-0,06	7,4	2,85%	1,32%
MRSAB3	MRS	0,08%	-0,24	8,3	2,41%	1,87%
CSNP12	Sinop Energia	0,44%	-0,02	2,7	2,39%	0,10%
CJEN13	Tesc	0,59%	0,41	3,8	2,12%	-2,49%
CMGDB6	Cemig Distribuição	0,21%	- -	7,7	2,09%	2,09%
CEEBF3	Coelba	0,00%	- -	4,3	2,04%	2,04%
EGIEA6	Engie	0,04%	-0,06	7,4	1,98%	0,72%
ENSEB4	Energisa Sergipe	0,54%	-0,02	6,6	1,94%	-0,11%
CERT11	Ecovias Raposo Castello	0,88%	0,04	2,3	1,86%	-0,27%
TRGP13	TECP	0,04%	- -	7,5	1,72%	1,72%
CBAN12	Rota das Bandeiras	0,43%	0,27	3,9	1,61%	-1,15%
CNRD12	Way-306	1,68%	0,64	6,6	1,58%	-2,11%
CRTR12	EPR Triângulo	1,42%	0,18	6,4	1,54%	0,03%
GASC19	Rumo Malha Paulista	0,92%	-0,18	8,5	1,53%	-2,02%
ENEV32	Eneva	0,13%	- -	1,4	1,47%	1,47%
ENTV12	Entrevias	0,73%	0,30	2,0	1,46%	-2,39%
CEAP17	Equatorial Amapá	0,41%	- -	6,2	1,44%	1,44%
PETR26	Petrobras	-0,57%	0,07	2,1	1,37%	0,54%
ROTY13	Rota Sorocabana	0,18%	0,12	3,8	1,27%	-0,57%
ISAEB2	Isa CTEEP	0,13%	- -	9,2	1,24%	1,24%
IRJS14	Iguá Rio	4,39%	0,48	6,2	1,21%	-2,58%
VLIM15	VLI Multimodal	0,04%	- -	3,9	1,21%	1,21%
CPLD29	Copel Distribuição	0,02%	-0,08	5,5	1,16%	0,84%
VALEC1	Vale	-0,42%	- -	6,4	1,12%	1,12%
PETR17	Petrobras	-0,49%	0,12	2,7	1,09%	0,89%
SBSPK8	Sabesp	0,04%	- -	8,8	1,09%	1,09%
TIET29	AES Tietê	0,27%	-0,01	1,3	1,04%	-0,01%
	Outros[2]				40,91%	

1. O OGIN11 pode operar com alavancagem
2. Ativos que individualmente representam menos de 1% do PL do OGIN11

Alocação por Setor

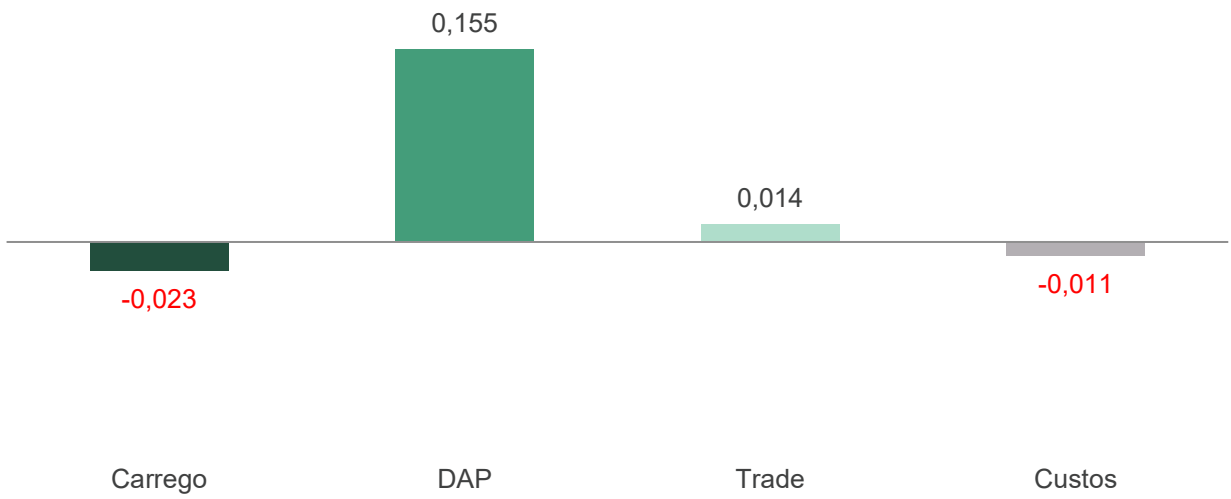


Alocação por Rating

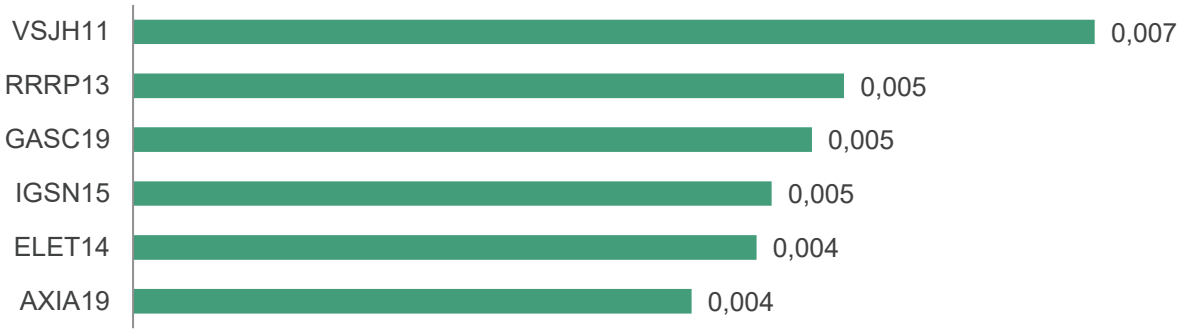


O fundo gerou um ganho aproximado de R$ 0,14 por cota no mês. Outubro foi marcado por forte abertura dos juros reais, em consequência do resultado das eleições, movimento refletido no ganho gerado pelo DAP, que cumpriu seu papel de hedge ao neutralizar essa parcela de volatilidade do carrego da carteira. Do lado do crédito, o carrego natural da carteira e o fechamento dos spreads reduziram de forma significativa a perda associada à abertura dos juros reais. Além disso, o trade, decorrente da movimentação ativa da Gestão ao longo do mês, gerou ganho relevante, contribuindo para o resultado positivo do fundo.

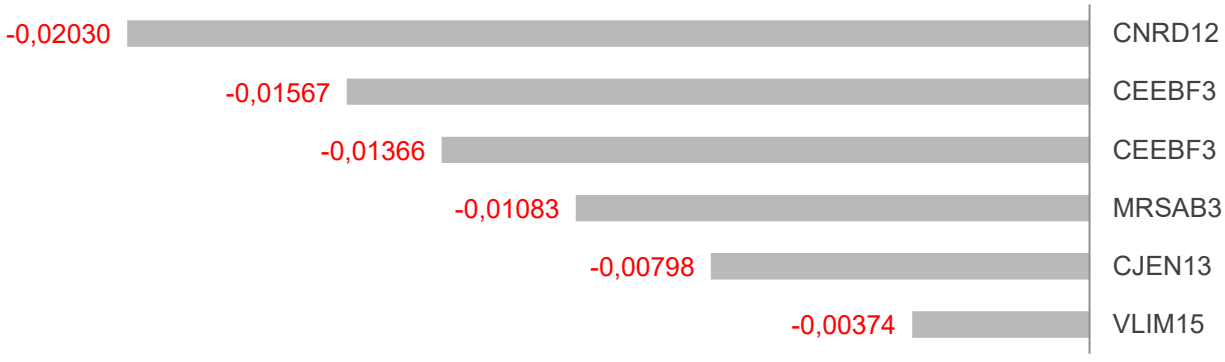
Resultado por Cota (R$)



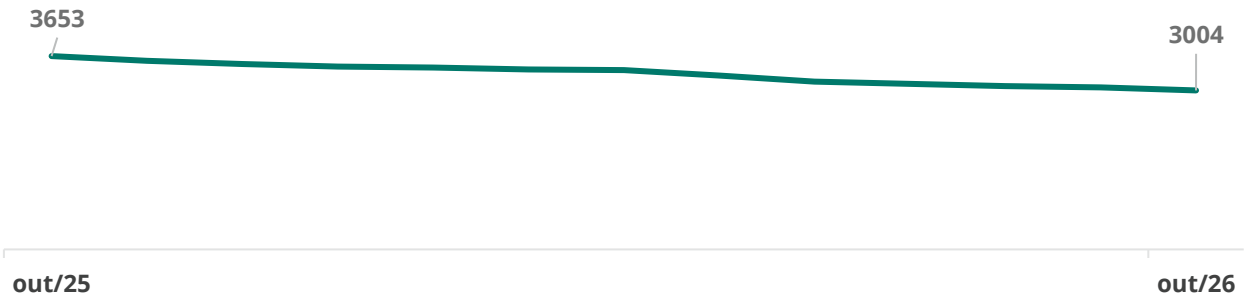
Maiores Contribuições (R$)



Menores Contribuições (R$)



Evolução no número de cotistas



Fontes: B3. Elaboração própria.

Em relação ao número de cotistas, o fundo segue com um passivo saudável e bem pulverizado, com mais de 3.000 cotistas alocados no OGIN11.

Convidamos vocês a acompanhar nosso relatório interativo, disponível através deste link, no qual é possível consultar os principais indicadores, posições e resultados do fundo mês a mês.

Para dúvidas, comentários e sugestões, estamos disponíveis também pelo nosso site e no canal abaixo.

relacionamento@nikosgestao.com.br

Setor: Energia

Energisa Sergipe

A companhia atua como concessionária de energia elétrica, sob controle acionário da Energisa S.A., e possui sede em Aracaju, no estado de Sergipe. Sua área de concessão abrange 63 municípios sergipanos, atendendo 908.827 consumidores. A concessão foi outorgada em 1997, pelo prazo de 30 anos.

Companhia Energética Sinop

A Companhia Energética Sinop (CES) é uma sociedade de propósito específico responsável pela concessão de 35 anos da Usina Hidrelétrica Sinop, localizada no Mato Grosso, próxima da cidade de Sinop. Controlada pela EDF Brasil (51%) e pela Eletrobras (49%), a empresa iniciou suas operações em 2019 e possui uma capacidade instalada de 401,88 MW. O empreendimento foca na geração de energia renovável de fonte hídrica, fortalecendo a matriz energética nacional e contribuindo diretamente para o desenvolvimento econômico da região Norte do estado.

Ventos de São Jorge

O complexo eólico Ventos de Tianguá está localizado na Serra de Ibiapaba, no município cearense de Tianguá. Composto por cinco parques eólicos, 77 aerogeradores e uma capacidade instalada total de 130,12 MW. A emissora é controlada pela Echoenergia Participações S.A, que é detida pela Equatorial Energia (companhia listada na B3).

Coelba

A Coelba é a distribuidora de energia elétrica da Bahia e a maior distribuidora da região Nordeste em número de clientes. Atende 415 dos 417 municípios baianos, levando energia a uma população de mais de 14 milhões de pessoas, com predominância de clientes residenciais. Opera sob regime de concessão federal com tarifas reguladas pela ANEEL, tendo sido privatizada em 1997. A companhia é controlada pela Neoenergia, subsidiária do grupo espanhol Iberdrola, e figura entre as maiores distribuidoras de energia do Brasil.

Setor: Energia (cont.)

Engie Brasil

A Engie Brasil Energia é a maior geradora privada de energia do país, controlada pelo grupo francês Engie, atuando em geração, transmissão e comercialização. Tem evoluído rumo a um portfólio 100% renovável - estratégia que justamente motivou a venda de ativos a carvão como a Pampa Sul. O portfólio combina hidrelétrica, eólica e solar.

ISA Energia Brasil

A empresa nasceu em 1999, a partir da divisão dos ativos da estatal paulista Cesp, dentro do programa de privatização do governo estadual. Em 2006 foi privatizada e passou a ser controlada pela Interconexión Eléctrica S.A. (ISA), uma das maiores transmissoras da América Latina. Hoje tem um portfólio de 35 concessões em todo o país e é negociada na B3 com os tickers ISAE3 e ISAE4. A ISA pertence ao grupo colombiano Ecopetrol. Cerca de 30% de toda a energia transmitida no Brasil e 95% da energia transmitida no estado de São Paulo trafegam por sua rede.

Transmissora de Energia Central Paulistana

A TECP é uma empresa do grupo Alupar voltada à modernização da Subestação Centro, na capital paulista. O projeto tem cinco fases, sendo que a primeira fase foi concluída 11 meses antes do previsto. A concessão foi formalizada em 2023 com a ANEEL e, na 3ª emissão de debêntures, a TECP captou R$ 2,45 bilhões para financiar seus projetos de transmissão, com término previsto para 2053 e 2054.

Equatorial Amapá

A Equatorial Amapá é a antiga CEA (Companhia de Eletricidade do Amapá), distribuidora de energia do estado. Fundada em 1956 e sob controle estatal, a CEA leva energia a cerca de 210 mil unidades consumidoras nos 16 municípios do estado, atendendo uma população de cerca de 860 mil habitantes. A Equatorial Energia assumiu a distribuição em junho de 2021, após a privatização, com contrato de concessão de 30 anos. Seu mercado é altamente concentrado em dois municípios: Macapá e Santana.

Setor: Energia (cont.)

Aes Tietê

Criada como AES Tietê em 1999 e listada no Novo Mercado, foi renomeada AES Brasil em 2021 e, em aquisição de R$ 6,35 bilhões anunciada em maio de 2024 e concluída no fim de outubro, foi incorporada pela Auren. Era geradora de energia (hidrelétrica, eólica e solar); hoje seus ativos integram o portfólio da Auren.

Copel Distribuição

A Copel Distribuição é a distribuidora de energia do Paraná. Além de ser a quarta maior distribuidora do Brasil, teve sua concessão renovada até 2045. Ela atende 5,2 milhões de consumidores em 395 municípios, com área de concessão de cerca de 194 mil km² e 218 mil km de linhas de distribuição. A controladora, Copel, foi privatizada em 2023 e passou a ter capital pulverizado, sem acionista controlador definido.

Cemig Distribuição

A Cemig Distribuição é a distribuidora de energia do grupo Cemig, com sede em Belo Horizonte. Ela atende 9,5 milhões de consumidores em 774 municípios, e sua área de concessão cobre 97% do território mineiro. A Cemig é uma companhia de capital aberto e tem como controlador o governo mineiro.

Eneva

A Eneva é uma empresa de geração de energia com foco em usinas termelétricas a gás natural. Ela detém cerca de 47,5 bilhões de m³ de reservas de gás, o que a torna a maior operadora privada de gás natural do país. Ao fim de 2025, tinha capacidade instalada operacional de aproximadamente 5,9 GW. Sua infraestrutura concentra-se nas regiões Norte e Nordeste e, com o leilão de capacidade de março de 2026, a companhia deve chegar a um portfólio de 10,8 GW até 2031. A Eneva tem capital pulverizado e ações no Novo Mercado da B3. O BTG Pactual é seu maior acionista individual.

Setor: Serviços Portuários

Tesc - Terminal Santa Catarina

A Tesc é um terminal multipropósito no porto de São Francisco do Sul/SC. Foi arrendado em 1996 e fica estrategicamente localizado próximo à BR 101, o que garante acesso aos principais centros industriais da região Sul e Sudeste. Teve seu contrato renovado em 2017, passando a vencer somente em 2046.

Setor: Transporte e Rodovias

Metrô Rio

A concessionária é responsável pela operação das Linhas 1 e 2 do sistema metroviário da cidade do Rio de Janeiro (RJ), além de prestar serviços de operação e manutenção do material rodante, sistemas e infraestrutura da Linha 4. O contrato foi estabelecido em 2008 com prazo de 30 anos. Juntas, as linhas somam 58km de extensão, 41 estações e 64 trens.

EPR Triângulo

A concessionária administra 9 rodovias da região do Triângulo Mineiro. A concessão iniciou em outubro de 2022 e é uma concessão Estadual, com a SEINFRA/MG sendo a reguladora. O contrato de concessão tem vigência até 2053. É uma importante malha rodoviária para o transporte da produção agrícola do sudoeste de Minas Gerais para São Paulo e portos do Sul do Brasil. É controlada pela holding Grupo EPR, que possui como acionistas o Grupo Equipav e a Perfin Infra.

Way 306.

A concessionária é responsável pelo controle e manutenção da rodovia MS-306. Com início das operações em março de 2020, e 30 anos de prazo, espera-se que a concessão termine em 2050. A companhia é responsável pela administração, recuperação, conservação, manutenção, implementação de melhorias e ampliação da rodovia.

Ecovias Raposo Castello

A Ecovias Raposo Castello é uma concessionária privada do setor de rodovias no Brasil, atuando na operação, manutenção e modernização de sistemas viários por meio de concessão rodoviária. A companhia administra trechos de quatro rodovias, somando 92 quilômetros que atravessam 10 cidades na chegada à capital paulista. Pertencente ao Grupo EcoRodovias, venceu o leilão do Lote Nova Raposo em novembro de 2024 e assumiu a operação em março de 2025, sob contrato de 30 anos.

Setor: Transporte e Rodovias (cont.)

Entrevias

A Entrevias é uma concessionária privada do setor de rodovias no Brasil, atuando na operação, manutenção e modernização de sistemas viários por meio de concessão rodoviária. A companhia é responsável pelo lote Rodovias do Centro-Oeste Paulista, que compreende cerca de 570 quilômetros de vias que cruzam o Estado de São Paulo, ligando Minas Gerais ao Paraná, passando por aproximadamente 15 municípios das regiões de Ribeirão Preto e Marília.

Rota das Bandeiras

A Rota das Bandeiras é uma concessionária privada do setor de rodovias no Brasil, atuando na operação, manutenção e modernização de sistemas viários por meio de concessão rodoviária firmada com o Estado de São Paulo. A companhia administra o Corredor Dom Pedro I - malha composta por cinco rodovias que interligam a Região Metropolitana de Campinas ao Vale do Paraíba, num trecho de 297 km que abrange 17 municípios de uma das áreas mais desenvolvidas do país.

VLI

A VLI S.A. é uma holding brasileira de logística integrada, criada em 2010/2011 como cisão dos ativos de logística de carga geral da Vale, controlando as concessionárias ferroviárias Ferrovia Centro-Atlântica (FCA) e trechos da Ferrovia Norte-Sul (FNS), além de terminais portuários (Santos, São Luís, Vitória, entre outros). Sua base acionária é composta por Vale (29,6%), Brookfield (36,5%), Mitsui (10,0%), FI-FGTS (15,9%) e BNDESPar (8,0%). A companhia opera em estados do Sudeste, além de Goiás, Bahia, Ceará, Sergipe, Maranhão, Tocantins e Distrito Federal, transportando principalmente grãos, minérios, combustíveis, celulose e produtos siderúrgicos. A concessão da FCA - a maior malha ferroviária do país - vence em agosto de 2026, com renovação por mais 30 anos em processo de aprovação no TCU

MRS Logística

A MRS foi constituída em 1996 para disputar a concessão da Malha Sudeste da antiga Rede Ferroviária Federal. É sua única concessão e tem 1.643 km de extensão. A malha passa por Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e chega aos portos de Santos, Itaguaí e Rio de Janeiro. Por ela passa cerca de 30% de toda a carga ferroviária brasileira. A concessão foi prorrogada antecipadamente em 2022 por mais 30 anos, e o contrato expira em 2056. A companhia é controlada por seus principais clientes: Vale (inclusive via Minerações Brasileiras Reunidas), CSN Mineração, Usiminas e CSN.

Setor: Transporte e Rodovias (cont.)

Rota Sorocabana

A Rota Sorocabana é a concessionária responsável pela administração e operação de importante corredor rodoviário na região Sudoeste do estado de São Paulo. O lote foi arrematado pelo Grupo CCR no leilão da ARTESP, com contrato de concessão de 30 anos assinado em 2025. A malha soma aproximadamente 460 km e reúne 12 rodovias que atendem 17 municípios.

Rumo Malha Paulista

A Rumo Malha Paulista é a concessionária responsável pela ferrovia de cerca de 1.989 km que cruza o estado de São Paulo, de Rubinéia e Santa Fé do Sul, na divisa com o Mato Grosso, ao Porto de Santos, e escoa principalmente granéis agrícolas do Centro-Oeste. A concessão, regulada pela ANTT, teve início com a privatização da malha da RFFSA, em 1998, e foi renovada antecipadamente em 2020 por mais 30 anos, até 2058. É controlada pela Rumo S.A. (RAIL3), companhia de capital pulverizado na B3 cuja acionista de referência é a Cosan, com 20,33% do capital direto.

Setor: Água e Saneamento

Iguá Rio

A concessionária é responsável pela concessão plena de água e esgoto de parte da Zona Oeste do Rio de Janeiro, Miguel Pereira e Paty de Alferes. O contrato de 35 anos, que teve início em 2022, deve impactar mais de 1,2 milhão de pessoas.

Sabesp

A Sabesp é a maior empresa de saneamento da América Latina, tendo sido privatizada em 2024. Ela atende 28,1 milhões de pessoas com abastecimento de água, e 24,9 milhões delas também têm coleta de esgoto. Na privatização, a Equatorial comprou 15% das ações por R$ 6,9 bilhões, e o governo paulista ficou com 18,3% da companhia. Já a meta de universalização do saneamento foi antecipada de 2033 para 2029.

Setor: Óleo e gás

Petrobras

A Petrobras é uma sociedade de economia mista, controlada pela União. Ela atua em exploração, produção, refino, transporte e comercialização de petróleo, gás natural e derivados. Destaca-se pela produção em águas profundas e ultraprofundas, especialmente no pré-sal. Tem ações negociadas na B3 e na NYSE.

Setor: Mineração

Vale

A Vale é uma das maiores mineradoras do mundo, com operações no Brasil, principalmente em Minas Gerais e Pará, e internacionais, com destaque para minério de ferro, além de níquel e cobre. Tem capital pulverizado na B3 e na NYSE, sem acionista controlador único desde o fim do acordo da Valepar. A Previ é a maior acionista individual (cerca de 7,5%), seguida por BlackRock (cerca de 6,7%) e Mitsui (cerca de 6,5%).

DISCLAIMER

Nikos Gestão de Recursos Ltda. (“Nikos Gestão”) é uma instituição autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários a prestar o serviço de administração de carteira de valores mobiliários, de acordo com o Ato Declaratório nº 21.769, de 09 de fevereiro de 2024. As informações aqui contidas são de caráter informativo, bem como não se trata de qualquer tipo de análise ou aconselhamento para a realização de investimento, não devendo ser utilizadas com esses propósitos, nem entendidas como tais. A Nikos Gestão não se responsabiliza por decisões de investimentos que venham a ser tomadas com base nas informações aqui divulgadas. Os investimentos em fundos estão sujeitos a riscos específicos de mercado. FUNDOS DE INVESTIMENTO NÃO CONTAM COM GARANTIA DO ADMINISTRADOR, DO GESTOR, DE QUALQUER MECANISMO DE SEGURO OU DO FUNDO GARANTIDOR DE CRÉDITOS – FGC. LEIA O REGULAMENTO, O FORMULÁRIO DE INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES E A LÂMINA DE INFORMAÇÕES ESSENCIAIS DOS FUNDOS ANTES DE INVESTIR.

Serviço de Atendimento ao Cotista (SAC): relacionamento@nikosgestao.com.br

Ouvidoria: ouvidoria@nikos.com.br

Telefone: 0800 774 2006